

AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS CEGAS

Ana Lúcia do Nascimento – UNICAP
Wanilda Maria Alves Cavalcanti – UNICAP

1 Compreendendo a cegueira

Em uma sociedade pensada para os que enxergam discutir a respeito da cegueira é provavelmente mais difícil. Outro aspecto que torna o tema árduo é constatar que há poucos cegos, especialmente quando se faz relação com outras limitações graves, bem como quando este universo é comparado com o grupo de videntes.

O que é a cegueira? Provavelmente encontram-se diferentes respostas para tal pergunta. Respostas que apontam para uma visão científica, educacional, fisiológica, médica, antropológica, religiosa, social, entre outras.

Ser cego para os que enxergam tem seu significado e ser cego para os que não possuem a visão tem outro sentido, pois o ser humano traz consigo seus conceitos a partir da percepção de mundo que foi, por ele, construída ao longo dos anos.

O indivíduo cego é quase sempre visto pelos videntes como alguém marcado por uma deficiência, incapacidade de desenvolver uma vida social, dentro de parâmetros participativos esperados. *De acordo com Amiralian(1997;22) “Quando falamos ou pensamos em pessoas cegas imediatamente nos vem à mente a imagem de uma pessoa sofrida, que vive nas trevas, em eterna escuridão.”* Segundo tal afirmação, conclui-se, portanto, que esses pensamentos os inferiorizam diante dos outros indivíduos que enxergam. Há também quem pense que a cegueira é uma tragédia pessoal para quem convive com ela. Logo, a impossibilidade de enxergar é cegueira é sinônimo de invalidez, incompetência, sujeira, desorientação e castigo. A literatura mostra que “ver” sempre esteve ligado à inteligência e intelectualidade. A luminosidade associada aos aspectos positivos, enquanto que a escuridão aos negativos. *Canazza (2002;51) afirma que “desde tempos memoráveis, a presença da luz sempre esteve associada as situações favoráveis, a acontecimentos felizes e à inteligência, ao passo que, a ausência dela, às trevas, ao sinistro e ao mal.”* São conceitos assim que contribuem para a continuidade da segregação e exclusão social.

Contraditoriamente, atribui-se também ao cego valor diferenciado e fantasioso. Alguém que é capaz de ver com o coração, vencedor por superar obstáculos impostos pela sociedade, um indivíduo místico e mais espiritualizado, detentor de poderes superiores e sobrenaturais.

No entanto, a cegueira para o cego tem outro sentido. Ele, como todas as outras pessoas tem, obviamente, a sua forma de estar nesta civilização. Pode-se imaginar que elabora o mundo com outros “olhos”, o apreenda por outras vias, a partir de sons, cheiros, sabores e texturas. Porém, não será jamais possível esquecer que essa limitação provoca conflitos e sentimentos comuns por aqueles que a portam, seja pela aparência, ausência de percepção visual ou até mesmo pelo significado que lhe foi atribuído ao longo dos anos, consciente ou inconscientemente. Porém, é de fundamental importância reconhecer que a história pessoal de cada indivíduo, as experiências vividas, principalmente nos primeiros anos de existência, determinará, em grande parte, a postura deste sujeito diante das adversidades que a vida apresenta.

É sabido que na área médica, a cegueira é apresentada como redução ou ausência de acuidade visual, ou seja, a capacidade do olho perceber formas e tamanhos. Segundo Martin e Bueno (2003;40-apud Crespo;1980) *“um olho é cego quando sua acuidade visual com correção é 1/10 (0,1), ou cujo campo visual se encontre reduzido a 20 graus.”* É sabido ainda, que a cegueira está ligada à pobreza e desinformação, pois muitos casos poderiam ser evitados se tivessem intervenções preventivas.

Os estudos também mostram que a cegueira é compreendida como uma limitação grave, pois através desse sentido o homem interage com o mundo e compreende-se a si mesmo. No entanto, contrariamente ao que muitos pensam, o cego não vive totalmente exposto à ausência de luz. De

acordo com Amiralian(1997;29) “ o cego não é aquele que nada enxerga, vive nas trevas e na escuridão total, pois é muito rara a ausência total de percepção visual”.

Entretanto, é importante lembrar a importância da visão, especialmente em um mundo que está organizado para os que enxergam e que não se interessam por lugares desprovidos de luz, classificando-os como sombrios e tristes. Na sociedade moderna há, em todos os momentos, apelo às imagens. Uma invasão de imagens cheias de cores, formas e tamanhos. Algumas belas, outras, no entanto, negam a simplicidade, trazem uma beleza travestida e adulteram aspectos verdadeiramente estéticos. Para Amiralian(1997;23) “o ver parece ocupar, cada vez mais, um lugar de destaque em nossa vida.” Parece-nos que aos nossos olhos não existe o direito ao repouso.

As pesquisas afirmam que cerca de 80% das informações recebidas são através da visão. Portanto, a impossibilidade de enxergar implica também a perda de percepção e informação globalizadas que esse sentido nos proporciona. Mesmo quando outros sentidos tentam compensar tais perdas, os ganhos serão parciais e limitados.

Entretanto, no presente trabalho não se pode deixar de mencionar o cego social, aquele que olha e não enxerga o seu entorno. Saramago (1995;310) diz: “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que vêem, cegos que vendo, não vêem.” Portanto cegos que vêem, no entanto, não percebem o outro ser humano que passa ao seu lado, identificá-lo como seu próximo, irmão, da mesma raça, com suas próprias contradições, sofrimentos e incoerências. Penso que esta é a mais preocupante cegueira.

2 Aquisição da linguagem em crianças cegas

A aquisição da linguagem em uma criança cega é de fundamental importância em seu processo de desenvolvimento, tanto nos aspectos cognitivos, como nos afetivos e sociais. Através da respectiva apropriação a criança poderá verbalizar sentimentos, estabelecendo, assim, vínculos com aqueles que lhe são próximos, bem como através de tal apropriação poderá expressar sentimentos e realizar os próprios desejos.

Porém, é um equívoco pensar que o processo de aquisição de linguagem acontece da mesma forma para videntes e não videntes.

Custsforth (1969;19) confirma o pensamento quando declara que “nome de coisas circulam entre a criança cega e seus companheiros, dotados de visão, como se tivessem o mesmo significado, para ambos. Mas o nome da coisa vista, apesar de ser a mesma palavra, tem uma significação diferente de nome da coisa sentida ou ouvida.” Conclui-se, portanto, que a palavra terá verdadeiro significado para a criança cega, quando a ela for possível apreendê-la a partir do toque e do sentir. Caso contrário, ela se limitará a uma mera reprodução sonora, que lhe será insignificante.

Tal comportamento é denominado (Custsforth,1969;20) *de irrealidade verbal*, ou seja, a capacidade de fazer uso de algumas palavras sem a experiência concreta.

Amiralian (1997;64) menciona que a dificuldade das crianças cegas em adquirirem o significado das palavras explicaria a ecolalia, a perseveração e verbalismo frequentemente descritos entre cegos. Por vezes, infelizmente, o uso da palavra em cegos, é apenas uma possibilidade de imitar as pessoas que medeiam-lhe o mundo, o qual, a eles é distante e divorciado das próprias percepções. A mesma autora (1997;63) faz a seguinte afirmação: “Enquanto o cego experiência o mundo pelo tato, audição, cinestesia, olfato e gosto, o mundo lhe é explicado pela linguagem daqueles que pouco se utilizam deste conjunto de experiências sensoriais.” Logo, é possível inferir a respeito do árduo exercício que a criança cega faz na busca de solucionar problemas cotidianos que decorrem de tal incompatibilidade.

Porém, é de fundamental importância tecer alguns comentários que, certamente, não se esgotarão aqui, mas ampliarão o conhecimento a respeito da gênese da comunicação, fazendo, assim, um paralelo entre cegos e videntes.

O processo de comunicação em crianças cegas, como nas demais crianças, inicia-se muito antes dela poder falar e será, portanto, o resultado da interação entre mãe e filho. Um diálogo, que supõe-se estabelecido de forma profundamente singular e que começa, exatamente quando o bebê ainda está na sua forma mais primitiva.

É assim que declara (Ortega – apud Siguan, 1989;90) “ O diálogo do adulto com a criança começa quando a mãe sabe que está grávida. Nessa fase pré natal, ela se dirige a uma criança imaginária (temida ou sonhada) que, propriamente falando, ainda não existe, mas que algum dia estará

preparada para participar do diálogo e que já, durante a vida intra uterina, habituou-se às inflexões da voz e língua materna.”

Sabe-se que o início da comunicação de uma criança vidente será marcada pela linguagem subjetiva (a mãe estabelece a comunicação com o filho através dos cuidados atribuídos e dialoga com ele, acreditando que é possível ser entendida.) Esta forma de linguagem, por sua vez, será o caminho que preparará a comunicação propriamente dita. É importante lembrar ainda, que muito antes da criança falar, ela utiliza gestos para se fazer entender. Magalhães (2003;37) escreve que “*o neonato é capaz de transmitir sinais de comunicação social através do contato visual e expressões semelhantes ao sorriso e ao choro.*” Logo, é a linguagem gestual que antecederá e preparará a linguagem verbal.

E para criança cega, qual o caminho percorrido por ela no processo de aquisição da linguagem?

A literatura evidencia que é um caminho árduo, apesar de perceber que o processo de emitir sons e estabelecer algum tipo de linguagem, é inata a todos os seres humanos. Segundo Ortega(2003;81-apud Tonkovié;1979) “*A falta de visão não impede o desenvolvimento lingüístico normal, pois a habilidade de produzir sons é inata, mas tampouco a propicia.*” No entanto, faz-se necessário evidenciar que é inegável a importância da visão para a aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Os estudos mostram os obstáculos que se interpõem no processo de aquisição da linguagem em crianças cegas são identificados a partir do vínculo construído ainda na primeira infância, entre mãe e filho, mostram também que esse vínculo quase sempre está abalado.

Essa criança poderia ser comparada ao “Patinho Feio” de Hans Christian Andersen. Ela não corresponde às expectativas que mãe gerou ao longo dos nove meses. É possível supor que para ela será muito difícil reconhecer naquele indivíduo estranho, feio e além disso cego, o seu bebê. Corso e Diana Lichtenstein (2006;34) declaram: “*O volume do ventre materno é preenchido pela fantasia do filho perfeito, já o bebê que sai, como dizíamos é o patinho feio.*”

Para esse respectivo filho o caminho a ser trilhado não será suave, porque está diante de um imenso sofrimento e ainda assim terá que lutar para conquistar o amor da própria mãe. Como se ele não enxerga? No entanto, é fundamentalmente importante afirmar que neste trabalho reconhece-se as dificuldades, tanto da mãe como também do filho, mas busca-se refletir a respeito da superação delas. Ortega (2003;85) diz que “*o diálogo mãe-filho é rompido, ou quando menos, alterado: a mãe tem grande dificuldade para estabelecer o vínculo com o filho, porque precisa enfrentar, às vezes forte depressão, perda da sua criança ideal sonhada, e aceitar seu interlocutor real, a criança cega (que supõe, além disso, a materialização dos seus temores durante a gravidez.)*” Nessa mesma direção, Amiralian (1997;297) aborda o tema mencionando que “*sem dúvida, o nascimento de um filho cego desperta na mãe intensas fantasias inconscientes, dificultando a maternagem e o desempenho “suficientemente bom” do papel de mãe.*” Conclui-se, pois, que em muitos casos, ao invés da mãe portar por esse filho, sentimentos de afeto, amor e alegria, trará consigo sensações de melancolia, culpa, impotência e tristeza profunda.

No que diz respeito ao bebê cego, a literatura evidencia que ele quase sempre permanece em silêncio, não responde aos estímulos externos, existe, obviamente, a ausência do sorriso e do encontro de olhares, que são formas profundas de trocas afetivas e comunicativas, bem como são pilares para o estabelecimento e legitimação do vínculo entre mãe-filho. Isso, pouco a pouco, provoca na mãe a sensação de frustração, impedimento, distanciamento e dor. Consequentemente, esses sentimentos constroem dia após dia um ambiente sombrio, que se não for superado, terá consequências graves. Porém, quando mãe e filho são estimulados, através de outras vias, à comunicação, outros caminhos poderão ser trilhados. Logicamente a mãe (ou figura de apego) poderá dar o impulso inicial, por ser ela a primeira fonte de vida social da criança. Com a implantação de políticas públicas e ajuda de profissionais especializados, a mãe poderá ter outro olhar para essa situação que se instalou em sua vida e compreender que o comportamento do seu filho, muitas vezes silencioso e quieto, não significa rejeição, apatia e rechaço. Poderá ser, no entanto, maneiras que ele encontrou para prestar mais atenção ao seu novo mundo.

Magalhães (2000;40), lembra que “*explorando as potencialidades do contato corporal e das vocalizações, parece possível que as crianças cegas e seus pais construam uma rede de significados sem a participação da visão.*”

Refletir sobre os contos de fadas, constitui-se um outro aspecto a ser abordado, apontando-os como uma possível ferramenta que amenizará o atraso sofrido pela criança cega no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Investigação que tenho feito enquanto aluna do mestrado. “*Os livros*

que tem resistido ao tempo são os que possuem uma essência de verdade, capaz de satisfazer a inquietação humana, por mais que os séculos passem.”(Coelho,2008;26,apud Cecília Meireles).Sim, os contos de fadas são esses livros eternos e maravilhosos que encantaram a muitos e continuam seduzindo povos de diferentes culturas e idades.

As pesquisas mostram que tais narrativas tornaram-se objeto de estudo em muitas áreas de conhecimento. Servem de instrumento de investigação para sociólogos, antropólogos, linguistas, pedagogos, entre outros. Porém, convém salientar que se sobressaem principalmente na área da psicologia e psicanálise. A literatura ressalta que tanto para Freud, quanto para Jung essas narrativas foram utilizados como uma espécie de travessia para conhecer melhor a alma humana. Evidencia também, que após a divulgação do livro “A Psicanálise dos Contos de Fadas” escrito por Bruno Bettelheim(1980), onde o autor, em linguagem bastante acessível, escreve sobre os benefícios psicológicos que tais contos provocam na vida da criança, houve um saldo muito positivo para psicólogos, psicanalistas, bem como para a divulgação dos contos de fadas.

Porém, é possível fazer a seguinte pergunta: Este gênero narrativo, lapidado por séculos, não poderiam também servir como ponte para amenizar os atrasos sofridos no processo de aquisição da linguagem em crianças cegas?

Como foi discutido anteriormente, é sabido que a interação mãe e filho cego é árdua e provavelmente dolorosa, no entanto, não é possível dizer que esse vínculo está totalmente interrompido. A criança em busca desse amor poderá recorrer a outros sentidos para que os laços sejam construídos ou reconstruídos. Por isso, é importante que a criança seja estimulada nas mais diversas formas. Uma forma de estimulação é desenvolver a capacidade de escutar, pois através das informações que a audição proporciona, diminui a percepção de isolamento em um mundo totalmente novo e desconhecido.

De acordo com Martin e Bueno (2003; p) *“para que uma criança tenha consciência dos sons, deve ter a possibilidade de ouvir muitos sons agradáveis, tais como a música e a voz humana. Esses sons criam na criança um conhecimento inconsciente e a ligam ao meio, além de trazer consigo sentimentos de afeto e conforto”*. Essa citação acima convida-nos a imaginar que para uma criança incapacitada de enxergar, o contato com o gênero narrativo dos contos de fadas trará infinitas possibilidades em seu universo imaginário e também em seu processo de aquisição de desenvolvimento da linguagem, ampliando-lhe o vocabulário, favorecendo-lhe momentos lúdicos e fantasiosos, além disso, promoverá a construção de laços afetivos e quando estes já existirem, poderá, no entanto, serem fortalecidos.

Narrar, contar histórias parece uma atividade corriqueira. Entretanto, os estudos mostram o importante papel que esta atividade desempenha no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Abramovich (1989) menciona que *“o ato de ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal tudo pode nascer de um texto”*. Possivelmente, os resultados não serão diferentes para crianças cegas, mesmo quando o seu caminho possa ser diverso.

É por acreditar neste novo caminho que investigo sobre o tema citado acima. Partindo do pressuposto que lê-los ou narrá-los contribuirá para a ampliação do vocabulário de tais crianças e, sobretudo, promoverá a sensação de interação, sociabilidade, alegria e amor. Sentimentos, os quais todos nós, pertencentes à raça humana, somos chamados.

Referências

- CANAZZA, Dall’Acqua, Maria Júlia. **Intervenção no Ambiente Escolar**: estimulação de uma criança com visão subnormal ou baixa visão, Editora Unesp, 2002.
- MARTIN, Manuel Bueno/BUENO, Salvador Toro. **Deficiência Visual** – Aspectos Psicoevolutivos e educativos, Livraria Santos Editora Ltda, 2003.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira** – São Paulo: Cia da Letra,1995.
- CUSTSFORTH, Thomas D. **O cego na escola e na sociedade** – um estudo psicológico – São Paulo, 1969.
- COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas** – Símbolos – Mitos – Arquétipos – São Paulo, Paulinas, 2008.

- ABROMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil** – Gostosuras e Bobices, Editora Scipione, 1989.
- MAGALHÃES, MO. **Interação Social, Comunicação e Linguagem em Crianças Cegas**. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia – Ano 4 – Número 6 – Jun/2000.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**/Bruno Bettelheim; tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CORSO, Diana Lichtenstein. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**/Diana Lichtenstein Corso, Mário Corso – Porto Alegre: Artmed, 2006.
- AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. **Compreendendo o Cego** – uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. São Paulo; Casa do Psicólogo- FAPESP, 1997.